

**Vanessa Cristina de Abreu Torres Hrenechen
(Organizadora)**



**Ciências da
Comunicação**

Atena
Editora
Ano 2019

Vanessa Cristina de Abreu Torres Hrenechen
(Organizadora)

Ciências da Comunicação

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Natália Sandrini e Lorena Prestes

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

C569 Ciências da comunicação [recurso eletrônico] / Organizadora
Vanessa Cristina de Abreu Torres Hrenechen. – Ponta Grossa
(PR): Atena Editora, 2019. – (Ciências da Comunicação; v. 1)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-204-3

DOI 10.22533/at.ed.043192503

1. Comunicação – Aspectos políticos. 2. Comunicação de massa.
3. Internet. 4. Jornalismo. I. Hrenechen, Vanessa Cristina de Abreu
Torres. II. Série.

CDD 302.2

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O primeiro volume da obra “Ciências da Comunicação” é composto por 28 artigos que aproximam as reflexões teóricas da prática cotidiana profissional e trazem importantes contribuições para a área da comunicação.

Dividido em três núcleos temáticos, o livro reúne aportes teóricos sobre os movimentos sociais e ações coletivas e apresenta pesquisas referentes à democratização da comunicação, ao papel do jornalismo alternativo na sociedade e às formas de financiamento da imprensa baseadas em novos modelos de negócio. A obra também traz algumas análises de coberturas jornalísticas, uma pesquisa sobre o interagendamento e contra-agendamento midiático de acordo com os conceitos de Maxell McCombs e Luiz Martins da Silva e reforça a importância da crítica para o jornalismo.

A partir do segundo núcleo temático, o leitor encontrará pesquisas sobre o posicionamento da mulher na sociedade e a sua imagem na mídia. As pesquisas discutem a diversidade na perspectiva do gênero, a formação de estereótipos na comunicação audiovisual, os desafios enfrentados pelos imigrantes e a representação de diferentes culturas pelos meios de comunicação. Por fim, o último núcleo temático reúne pesquisas referentes à comunicação organizacional, às estratégias voltadas aos diferentes públicos e às construções discursivas realizadas pelas organizações.

Vanessa Cristina de Abreu Torres Hrenechen

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
MOVIMENTOS SOCIAIS E DEMOCRATIZAÇÃO DA COMUNICAÇÃO: CONTRIBUIÇÕES PARA O DEBATE NO CASO BRASILEIRO	
Carlos Henrique Demarchi	
DOI 10.22533/at.ed.0431925031	
CAPÍTULO 2	12
“O JORNAL BURGUEÊS CONSEGUE FAZER-SE PAGAR PELA PRÓPRIA CLASSE TRABALHADORA QUE ELE COMBATE SEMPRE”: FINANCIAMENTO E INDEPENDÊNCIA DE CLASSE NO JORNALISMO SEGUNDO LÊNIN E GRAMSCI	
Willian Casagrande Fusaro	
Manoel Dourado Bastos	
DOI 10.22533/at.ed.0431925032	
CAPÍTULO 3	21
DA IMPRENSA SINDICAL PARA A IMPRENSA DE MASSA: INTERAGENDAMENTO E CONTRA-AGENDAMENTO	
Alexsandro Teixeira Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.0431925033	
CAPÍTULO 4	33
MÍDIA NINJA: PROCESSO DE PRODUÇÃO DE INFORMAÇÕES AUDIOVISUAIS, POR MEIO DE DISPOSITIVOS MÓVEIS, SOBRE O CASO MARIELLE FRANCO	
Valéria Noronha de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.0431925034	
CAPÍTULO 5	44
MANIFESTAÇÕES EM MEGAEVENTOS: APONTAMENTOS SOBRE A COBERTURA DO SITE G1 E MÍDIA NINJA DA COPA DO MUNDO 2014	
Milton Julio Faccin	
Marcelo Vinícius Masseno Viana	
DOI 10.22533/at.ed.0431925035	
CAPÍTULO 6	55
ENCHENTES DE 2017 NO RIO GRANDE DO SUL PELOS PORTAIS DE NOTÍCIAS DE TENENTE PORTELA	
Lidia Paula Trentin	
Mônica Cristine Fort	
DOI 10.22533/at.ed.0431925036	
CAPÍTULO 7	67
O MONTE EVEREST EM “NO AR RAREFEITO” – UMA ANÁLISE NA PERSPECTIVA DIALÓGICA	
Taíssa Maria Tavares Guerreiro	
Deivid Santos Vieira	
Isabelle Caroline Rodrigues de Sá	
Kethleen Guerreiro Rebêlo	
Liam Cavalcante Macedo	
Marcos Felipe Rodrigues de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.0431925037	

CAPÍTULO 8	77
“DANÇANDO SOBRE ARQUITETURA” - DESAFIOS ATUAIS DA CRÍTICA DE MÚSICA	
Rafael Machado Saldanha	
DOI 10.22533/at.ed.0431925038	
CAPÍTULO 9	89
ALBERTO DINES E O PAPEL DA CRÍTICA JORNALÍSTICA NA IMPRENSA BRASILEIRA	
Diana de Azeredo	
DOI 10.22533/at.ed.0431925039	
CAPÍTULO 10	103
DILMA ROUSSEFF: O PAPEL DA MULHER NA POLÍTICA BRASILEIRA	
Tylcéia Tyza Ribeiro Xavier	
Sílvia Ramos Bezerra	
DOI 10.22533/at.ed.04319250310	
CAPÍTULO 11	117
JORNALISMO, CULTURA E GÊNERO: UMA ANÁLISE DAS MULHERES NAS CAPAS DA ROLLING STONE BRASIL	
Luiz Henrique Zart	
DOI 10.22533/at.ed.04319250311	
CAPÍTULO 12	131
A PRESENÇA FEMININA NO JORNALISMO ESPORTIVO DA TELEVISÃO ABERTA: UMA ANÁLISE DO PROGRAMA “JOGO ABERTO”, DA BANDEIRANTES	
Érika Alfaro de Araújo	
Mauro de Souza Ventura	
DOI 10.22533/at.ed.04319250312	
CAPÍTULO 13	146
DIVERSINE, UMA EXPERIÊNCIA ESTÉTICA FÍLMICA PARA PENSAR A DIVERSIDADE NA PERSPECTIVA DO GÊNERO	
Hugo Bueno Badaró	
Thaumaturgo Ferreira de Souza	
Maria Lúcia Tinoco Pacheco	
DOI 10.22533/at.ed.04319250313	
CAPÍTULO 14	155
COMUNICAÇÃO AUDIOVISUAL E FORMAÇÃO DE ESTEREÓTIPOS: HOMOSSEXUALIDADE NA TELEVISÃO BRASILEIRA	
Pablo de Oliveira Lopes	
DOI 10.22533/at.ed.04319250314	
CAPÍTULO 15	165
O HOMEM TRANS NA PUBLICIDADE: UMA ANÁLISE DO ANÚNCIO <i>UNLIMITED COURAGE</i> , DA MARCA NIKE	
Nicolau Jordan Girardi	
Adriana Stela Bassini Edral	
DOI 10.22533/at.ed.04319250315	

CAPÍTULO 16	180
VIOLAÇÃO DE DIREITOS LGBTI+ NA CAMPANHA DA RÁDIO JOVEM PAN PARA O DIA INTERNACIONAL DE COMBATE À LGBTIFOBIA	
Adriano Quaresma da Costa Armando Leandro Ribeiro da Silva Esthefany Carolyne Silva da Cruz Karen Isabela Leite Alcântara Matheus Henrique Cardoso Luz Lorena Cruz Esteves Suzana de Cassia Serrão Magalhães	
DOI 10.22533/at.ed.04319250316	
CAPÍTULO 17	192
EVIDÊNCIAS E SILÊNCIAMENTOS NOS DISCURSOS DE LÁGRIMAS CONTRA A POLÍTICA DE TOLERÂNCIA ZERO ANTI-IMIGRAÇÃO DOS USA	
Magali Simone de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.04319250317	
CAPÍTULO 18	208
O IMIGRANTE NO MEIO ACADÊMICO: ESTUDO DE CASO	
Benalva da Silva Vitorio	
DOI 10.22533/at.ed.04319250318	
CAPÍTULO 19	222
UMA DISCUSSÃO SOBRE A DIVERSIDADE ÉTNICO-RACIAL NA UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ	
Alcilaine de Macedo Alencar Carolina Fernandes da Silva Mandaji	
DOI 10.22533/at.ed.04319250319	
CAPÍTULO 20	235
A CULTURA DO SOL NASCENTE NAS TERRAS CAPIXABAS	
Rafaela Daima Lima Danielly Veloso Schulthais Andressa Zoi Nathanailides	
DOI 10.22533/at.ed.04319250320	
CAPÍTULO 21	245
A REPRESENTAÇÃO DOS ASIÁTICOS NA TV BRASILEIRA: APONTAMENTOS INICIAIS	
Krystal Urbano Maria Elizabeth Pinto de Melo	
DOI 10.22533/at.ed.04319250321	
CAPÍTULO 22	260
CULTURA ORGANIZACIONAL PROPÍCIA ÀS POLÍTICAS DE COMUNICAÇÃO E RESPONSABILIDADE SOCIAL: POSSIBILIDADES METODOLÓGICAS PARA IDENTIFICAR OS TIPOS DE CULTURA ORGANIZACIONAL	
Maria José da Costa Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.04319250322	

CAPÍTULO 23	272
COMO O <i>OMBUDSMAN</i> DE DADOS PODE REFORÇAR A MULTIDISCIPLINARIDADE NA COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL?	
Wallace Chermont Baldo	
DOI 10.22533/at.ed.04319250323	
CAPÍTULO 24	284
COMUNICAÇÃO MERCADOLÓGICA EM CLUBES DE FUTEBOL DO BRASIL E DA AMÉRICA LATINA: RELACIONAMENTO COM OS PÚBLICOS-ALVO	
Karla Caldas Ehrenberg	
Ary José Rocco Junior	
Carlos Henrique de Souza Padeiro	
DOI 10.22533/at.ed.04319250324	
CAPÍTULO 25	297
OS PÚBLICOS PROJETADOS: CONSTRUÇÕES DISCURSIVAS NA PROPOSIÇÃO DE EXPERIÊNCIAS PELAS ORGANIZAÇÕES	
Márcio Simeone Henriques	
DOI 10.22533/at.ed.04319250325	
CAPÍTULO 26	308
ACESSIBILIDADE E COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL: PLANEJAMENTO E PÚBLICOS EM UMA CAMPANHA INCLUSIVA PARA PESSOAS CEGAS E COM BAIXA VISÃO	
Victor Said dos Santos Sousa	
Leonardo Santa Inês Cunha	
Lidiane Santos de Lima Pinheiro	
DOI 10.22533/at.ed.04319250326	
CAPÍTULO 27	322
COMUNICAÇÃO COTIDIANA DOS VALORES DE RESPONSABILIDADE SOCIAL: REPRODUZINDO CULTURA NAS REDES SOCIAIS (OU NÃO)	
Maria Augusta de Castro Seixas	
Emmanuel Paiva de Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.04319250327	
CAPÍTULO 28	338
A COMUNICAÇÃO PÚBLICA NA ASSISTÊNCIA TÉCNICA RURAL PARA O DESENVOLVIMENTO REGIONAL DO ESTADO DE RONDÔNIA	
Edna Mendes dos Reis Okabayashi	
Moacir José dos Santos	
Monica Franchi Carniello	
DOI 10.22533/at.ed.04319250328	
SOBRE A ORGANIZADORA	352

EVIDÊNCIAS E SILÊNCIAMENTOS NOS DISCURSOS DE LÁGRIMAS CONTRA A POLÍTICA DE TOLERÂNCIA ZERO ANTI-IMIGRAÇÃO DOS USA

Magali Simone de Oliveira

Jornalista, graduada pela PUC/MG, mestre em Letras pela UFSJ e doutoranda em Estudos de Linguagem, na linha de Análise do Discurso pelo CEFET-MG. E-mail: magalisimone1@gmail.com. Artigo apresentado na disciplina Tópicos Especiais em Estudos de Linguagens: Silenciamento e Evidenciamento no discurso.

RESUMO: O objetivo deste artigo é evidenciar as estratégias discursivas utilizadas pelos adversários do presidente Donald Trump contra a continuação da “política de tolerância zero” estadunidense, calcada na separação entre os “imigrantes ilegais” e suas crianças, detidas em jaulas e/ou em presídios, sem possibilidade de contato com seus pais ou responsáveis. A partir de teóricos como Pêcheux (In: Gadet e Hak, 2014) e Orlandi (2003) e (2007), pretende-se identificar e descrever o que se salienta e o que se ofusca nestes discursos repletos de silêncios. Este artigo também se propõe a refletir como os discursos fundadores mundiais e estadonidenses ajudam a construir representações identitárias capazes de elaborar discursos que dão novos sentidos às várias formas de silêncio. (Orlandi, 2007).

PALAVRAS-CHAVE: *Formações imaginárias; discurso fundador, discursos do silêncio; imigrantes não-legais, crianças enjauladas.*

ABSTRACT: The objective of this article is to highlight the discursive strategies used by President Donald Trump’s opponents against the continuation of the US “zero tolerance policy”, based on the separation between “illegal immigrants” and their children, held in cages and / or prisons, without possibility of contact with their parents or guardians. From the theorists such as Pêcheux (In: Gadet and Hak, 2014) and Orlandi (2003) and (2007), it is intended to identify and describe what stands out and what is obscured in these discourses full of silences. This article also aims to reflect how the founding discourses of the world and the United States help to construct representations capable of elaborating discourses that give new meanings to the various forms of silence. (Orlandi, 2007).

KEYWORDS: Imaginary formations; discourse of the founder, discourses of silence; non-legal immigrants, caged children.

1 | INTRODUÇÃO

Em vários países, a ideia de que a família é a base da sociedade é um discurso fundador. Para Pêcheux (In: Gadet, 2014) o discurso, como parte da linguagem, é constituído ao mesmo tempo por características sociais e históricas em que se confrontam sujeitos que ocupam diferentes “lugares” em uma

determinada sociedade. Tal premissa ajuda a identificar e descrever os efeitos de sentido causados pelo acirramento da política de tolerância zero à imigração ilegal que causou escândalo ao separar “imigrantes ilegais” de seus filhos, sobrinhos, netos ou tutelados menores de idade.

Desde o dia 19 de junho de 2018, imagens de crianças, algumas bem pequenas, detidas em jaulas, chorando e gritando por seus pais, em presídios e abrigos do Texas, nos Estados Unidos da América ganhou os holofotes da mídia em todo o mundo. A medida refletia o acirramento da política de tolerância zero à imigração ilegal imposta pelo presidente deste país, o republicano, Donald Trump.

De acordo com o site News/BBC Brasil ¹, durante o governo do democrata Barack Obama, imigrantes sem documentos condenados por crimes graves ou considerados “ameaça à segurança nacional” eram deportados. Os flagrados sem documentação eram presos, mas havia atenuantes neste tipo de julgamento. Além da possibilidade de entrar com recurso e de pagar fiança; laços com a comunidade e o fato de trabalharem eram levados em conta no momento de determinar ou não a deportação.²

Já com Trump, ainda segundo o site da BBC, qualquer tipo de infração ou crime pode justificar a expulsão do país. Disposto a intensificar a política de retaliação à imigração ilegal, o presidente estadunidense decretou que filhos, sobrinhos, netos ou tutelados detidos junto aos “imigrantes ilegais” fossem mantidos em presídios e abrigos separados de seus familiares e tutores. De abril até junho de 2018 mais de 2000 crianças foram submetidas a este tipo de “punição”.

Mas as imagens destes meninos e meninas enjaulados, chorando, sem os cuidados de seus familiares colocou a política de tolerância zero em xeque. Integrantes da mídia e à opinião pública estadunidense e internacional, opositores do partido Democrata, e até correligionários de Trump, do partido Republicano criticaram a adoção de tal medida.

Não bastasse isso, a separação das crianças de seus pais foi criticada ainda pela própria esposa do presidente, Melania Trump³ que, em um raríssimo pronunciamento, disse em nota divulgada à imprensa, que “detestava ver as crianças separadas de suas famílias” e que esperava que imigrantes e o governo chegassem a um consenso.

A ex-primeira-dama, Laura Bush, mulher do Republicano George W. Bush, em artigo no “Washington Post”, disse que a separação das crianças “parte seu coração”. Ela também acrescentou “Eu moro em estado fronteiriço ao “Texas”. Eu aprecio a necessidade de cumprir a lei e proteger nossas fronteiras; mas esta política de tolerância zero é cruel. É imoral” ⁴

1. **Brooks, Dario.** BBC Mundo. *5 questões para entender como é o processo de deportação de imigrantes ilegais nos Estados Unidos.* Atualizado em 22 de fevereiro de 2017. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-39049799>

2. Os democratas aprovaram uma lei proibindo que crianças fossem detidas em presídios com seus pais, mas a separação, segundo o site, era uma exceção. Em geral, pais e filhos eram deportados.

3. **Jornal O TEMPO/RIO EL PASO.** Avó brasileira está separada do neto autista há dez meses. *Jornal O TEMPO.* Número 7859. Ano 22. Pág. 19/06/2018.

4. Idem

Pelo menos quatro estados ⁵ se recusaram a cumprir à ordem dada por Trump de enviar reforços militares para as fronteiras: Colorado, Nova York, Mariland e Massachusetts.

O governador de Nova York, o democrata Andrew Cuomo⁶, em Twitter divulgou no dia 19 de junho declarou: “Não seremos cúmplices dessa tragédia humana. Diante do tratamento desumano do governo federal com as famílias de imigrantes, Nova York não irá contribuir com a Guarda Nacional da Fronteira”.

As críticas à detenção das crianças também serviram como justificativa para que os Estados Unidos decidissem abandonar a Comissão de Direitos Humanos da ONU, medida anunciada no dia 19 de junho pelo governo Trump. O acirramento desta política foi classificado como uma “medida impiedosa” por , Zeid Ra’ad al Hussein, alto comissário da ONU para Direitos Humanos, entidade que também questiona outras medidas adotadas pelos USA.

Embora não tenha o hábito de recuar em suas decisões; Trump assumiu, segundo matéria do jornal O TEMPO⁷, ter ficado “tocado pela repetição das cenas divulgadas pela mídia que mostraram as crianças chorando”. Então, no dia 21 de junho de 2018, ele assinou um decreto determinando que as crianças fiquem no mesmo centro de detenção que seus pais⁸. E justificou: “todos com coração agiriam da mesma forma”.

As imagens de meninos e meninas, enjaulados, chamando em espanhol por seus pais, de acordo com análise feita neste artigo, articulou três tipos de elementos consonantes ou relacionados à Análise do Discurso proposta por Pechêux e Orlandi (2007): i- as formações imaginárias⁹ e ii- o discurso fundador¹⁰ e iii- os discursos do silêncio¹¹.

Este artigo parte da pretensão de se fazer uma análise, usando tais conceitos, para entender as estratégias discursivas utilizadas pelos adversários e aliados de Trump para criticar a intensificação da política de tolerância zero à entrada ilegal de imigrantes nas fronteiras dos Estados Unidos; e do próprio presidente para justificar seu recuo; o que deverá ser feito a seguir.

2 | COMO AS IMAGENS DAS CRIANÇAS ENJAULADAS SE RELACIONAM COM AS FORMAÇÕES IMAGINÁRIAS DE PÊCHEUX (2014) E OS DISCURSOS DE

5. Jornal O TEMPO/WASHINGTON. Quatro Estados desafiam Trump. **Jornal O TEMPO**. Número 7860. Ano 22. Pág. 15. Publicado em 20/06/2018.

6. Idem.

7. Jornal O TEMPO/WASHINGTON. Trump recua e suspende a separação de crianças. **Jornal O TEMPO**. Número 7861. Ano 22. Pág. 16. Publicado em 21/06/2018.

8. Idem

9. Pechêux (In:Gadet e Hak, 2014).

10. Orlandi (2003).

11. Orlandi (2007).

SILÊNCIO DE ORLANDI (2007)

Em uma explicação rasa; às formações imaginárias, segundo Pêcheux (In: Gadet, 2014) remetem às posições, ou papéis sociais, que o sujeito assume em uma dada situação comunicativa. Assim, as formações imaginárias são elementos que designam o “lugar”, (ou papéis sociais) que os sujeitos como locutores e interlocutores atribuem cada um a si próprios e ao outro em um determinado ato de comunicação.

...esses lugares estão representados nos processos discursivos que são colocados em jogo. Entretanto, seria ingênuo supor que o lugar como feixe de traços objetivos funciona como tal no interior do processo discursivo; ele se encontra aí representado, isto é, presente, mas transformado, em outros termos, o que funciona nos processos discursivos é uma série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a si e ao outro. Se assim ocorre, existem nos mecanismos de qualquer formação social regras de projeção, que estabelecem as relações (objetivamente definíveis) e as posições (representações dessas situações) (Pêcheux In: Gadet, 2014, pág. 81).

Assim para Pêcheux (In: Gadet, 2014) todo processo discursivo relaciona-se com as formações imaginárias (representações que cada um faz de si e de seu interlocutor) baseadas nas seguintes relações de força: i- quem sou eu para lhe falar assim?(imagem que o locutor A faz de si); ii- quem é ele para que eu lhe fale assim?(imagem que o interlocutor B faz do locutor A), iii-quem sou eu para eles me falem assim (representação que o interlocutor B faz de si mesmo) e iv- quem sou eu para que ele me fale assim? (representação que o locutor A faz do interlocutor B) .

Deste modo, as imagens das crianças enjauladas chorando se articulam com o conceito de formações imaginárias porque os sujeitos e seus interlocutores, segundo Pêcheux (2014), não são apenas pessoas que dialogam, mas são perpassados pelos papéis sociais que ocupam, pelo momento histórico que vivenciam e pela ideologia que marca o tempo e o espaço onde estão inseridos.

De um lado, denominadas como locutor A, as crianças projetam imagens do lugar que ocupam (quem sou eu para lhes falar assim?); do outro; a imagem do lugar de B (adversários, opositores, mídia, opinião pública estadunidense e mundial, aliados de Trump contrários à política de tolerância zero) faz do locutor A. Nesta relação de forças há também a imagem que o locutor B faz de si mesmo e a forma como o locutor A percebe o locutor B.

Assim, descrevemos à análise de tais representações feitas por meio do quadro a seguir:

1. Quadro representando o jogo de formações imaginárias nas imagens de crianças enjauladas

Expressões que designam as formações imaginárias	Significado da expressão	Questão implícita cuja resposta subentende a formação imaginária correspondente
<p>A para B- Crianças que não podem dizer, reivindicar, denunciar, expõem a crueldade da situação. Ao chorar e chamar: “pai, “mãe”, “tio (a)”, “avó (a)”. Ou ao responder, boa parte em espanhol, às perguntas dos repórteres. “Sou da Guatemala, de Costa Rica, do México, por exemplo, provocam sentimentos de solidariedade e empatia.</p>	<p>Imagem que o locutor A faz se de si mesmo.</p>	<p>Quem sou eu para lhe falar assim? As crianças separadas de seus pais, classificados como “criminosos”, não têm voz. Mas em seu discurso de lágrimas, em seu (não) poder dizer - pois são menores e não respondem por seus atos – explicitam, salientam a crueldade da política de tolerância zero à imigração do governo Trump.</p>
<p>B - Todos que se posicionam contra a separação as crianças e emprestam suas vozes às crianças sem voz, para denunciar a crueldade da situação.</p> <p>Ao assumirem-se como interlocutores das crianças, os adversários da política de tolerância zero à imigração chamam para si a responsabilidade de exigirem a reunião das famílias constituídas pelos imigrantes ilegais.</p>	<p>Imagem do lugar de B para o sujeito colocado A</p> <p>Imagem do lugar de B para o sujeito colocado B</p>	<p>Quem sou eu para lhe falar assim? Mais que adversários e aliados de Trump contra a política de tolerância zero, estas pessoas se tornaram-se porta-vozes de A, que não têm legitimidade para dizer, ou reivindicar algo.</p> <p>Quem sou eu para que ele me fale assim? São pessoas que tem consciência de seu poder de intervir a favor das crianças porque “tiveram seu coração partido”, “por desejarem a união das famílias”, “por classificarem tal prática como “cruel”, ou uma “tragédia” e ou que se recusam a obedecer as ordens do presidente. Como cidadãos cobram o fim de uma prática que repudiam: a separação dos pais e tutores de crianças indefesas.</p>
<p>B para A</p>	<p>Imagem do lugar de A para o sujeito colocado em B</p>	<p>Quem sou eu para que eles me falem assim? Os aliados e adversários de Trump se reconhecem como os únicos com poder de exigir o fim da separação das famílias de imigrantes ilegais. Assumem, assim, o dever de se comportar como porta-vozes das crianças.</p>

Assim, de acordo com a análise dessas formações imaginárias; à luz de Pêcheux (In: Gadet e Hak, 2014), fica claro a desigualdade das imagens dos sujeitos enunciativos dentro do discurso. As crianças enjauladas, vítimas do endurecimento da política contra à imigração ilegal, não ocupam os mesmos papéis sociais que seus defensores. Deste modo, articulam formações discursivas e ideológicas distintas das dos seus porta-vozes.

Suas lágrimas não são secadas. Estas crianças, algumas presas há quatro

meses, chamam os pais, os avós, os tios - ou outros responsáveis que ultrapassaram a fronteira com eles- mas só ouvem o silêncio. A seus pais, familiares e responsáveis também detidos, e, que, como eles (não) podem falar, é imposto “um silenciamento como parte da identidade, pois é parte constitutiva do processo de identificação, é o que lhe dá espaço diferencial, condição de movimento...” (Orlandi, 2007, pág. 49). Desta forma, segundo categorização de Orlandi(2007), os imigrantes ilegais são silenciados pelo “silêncio fundante”.

Há pois, uma declinação política da significação que resulta no silenciamento como forma não de calar, mas de dizer “uma coisa”, para não deixar de dizer “outras”. Ou seja, o silêncio recorta o dizer. Esta é sua dimensão política. Essa dimensão política do silêncio está, no entanto, assentada sobre o fato de que o silêncio faz parte de todo o processo de significação (dimensão fundante do silêncio). Sem silêncio, não há sentido porque o silêncio é a matéria significativa por excelência, ou como diz Wittgenstein (1961): “a relação do silêncio com a linguagem mostra a constituição essencial da linguagem”. (Orlandi, 2007, pág. 54).

Deste modo, o silenciamento das crianças em seu discurso de lágrimas, segundo Orlandi (2007), é perpassado por sentidos. Embora não lhes seja concedido o direito legítimo ao dizer – são menores de idade e não responsáveis por seus atos- o fato de estarem dentro de jaulas, de terem sido detidas sem terem culpa, de chamarem por seus pais - soa como gritos que expõem a crueldade da intensificação da política de tolerância zero à imigração.

Já as manifestações contrárias à política de Trump; as pessoas que deram ouvidos aos discursos de dor silenciados das crianças e seus familiares assumem como papéis sociais a função de porta-vozes destas crianças. Quebram o silêncio dos silenciados, mas por meio de um novo tipo de discurso do silêncio: o silêncio constitutivo: calcado na premissa , segundo Orlandi (2007), de que para dizer algo, é preciso não dizer alguma coisa. Assim, necessariamente, ao se dizer algo, se deixa de falar aquilo que não se considerou relevante.

Segundo Orlandi (2007), a análise das formas de silêncio na linguagem é algo complexo. Deve-se partir não só de “marcas”, “conjecturas”, mas também do caráter histórico (discursivo) e também levar em conta a interdiscursividade. Ainda é necessário trabalhar com a noção de completude/incompletude e analisar as “figuras” como produtoras do processo de deslocamento retórico “como sintomas”, da marginalização dos processos de significação. Ainda é preciso levar em conta os múltiplos textos, as paráfrases.

Deste modo, “ao falar pelos imigrantes ilegais”; aliados e adversários de Trump, cujos discursos foram expostos neste artigo, limitaram os “sentidos” por eles articulados para protestar contra a política de tolerância zero à imigração a uma construção discursiva constituída por sintagmas verbais e ou adjetivais de caráter patêmico, ou seja, emocional.

São exemplos destas estratégias discursivas o uso de expressões como: “detestava ver as crianças separadas de suas famílias”; “parte meu coração”, “esta

política de tolerância é cruel. E imoral”; “Não seremos cúmplices dessa tragédia humana”, ou “medida impiedosa”.

Ao se posicionarem usando tais estratégias discursivas que remetem a sentidos patêmicos; salientando as emoções negativas de tristeza, solidariedade, angústia causada pela separação e encarceramento de crianças (não responsáveis por ultrapassarem a fronteira de forma ilegal); os opositores às medidas de separação das famílias de “imigrantes ilegais”; não expõem discursos de outra ordem, são assim, ignorados.

Alguns, como Laura Bush, dão dicas do que é silenciado. Ela assume defender “a lei e o cumprimento das normas que limitam a entrada de imigrantes nos Estados Unidos”. Como ela, os demais defensores das crianças não discutem as regras que fundamentam a legislação de contenção à imigração, ou os critérios que definem quais imigrantes são desejáveis ou não.

Ou ainda: não há discursos questionando possíveis causas da imigração como a interferência político-econômica dos Estados Unidos nos países subdesenvolvidos— como o estímulo às ditaduras militares instituídas na América do Sul, no século passado - ou à ações de empresas estadunidenses como exploradoras de madeira na Amazônia brasileira, taxações nas importações de produtos oriundos destes países e a compra de parte do pré-sal pelo USA.

Tais questões, em sua interdisciplinariedade com discursos de partidos e ideólogos da esquerda sul-americana, não são discutidas sequer pela mídia. Também não se questiona quem está mais suscetível a ser considerado indesejável. São os negros? Os latinos? Todos originados de países subdesenvolvidos (pobres)? Os que apresentam algum tipo de doença ou necessidade especial? São critérios ideológicos? Questões religiosas? Justificativas relacionadas ao tipo de atividade que estes imigrantes pretendem exercer no país: trabalho, estudo ou lazer?

O silêncio sobre estas nuances ideológicas e políticas está carregado de sentidos constituídos por incompletudes. Assim, ainda segundo Orlandi (2007), mesmo que não tenham consciência do que dizem ao não dizer, os sujeitos estabelecem laços com o silêncio. Desta maneira, o que é silenciado é perpassado, segundo Orlandi (2007) por sentidos polissêmicos constituídos pela presença dos sujeitos sociais em seus discursos

...o silêncio é mais ainda. – ele significa por si mesmo: “O silêncio não são palavras silenciadas que guardam um silêncio sem dizer. O silêncio guarda um outro segredo que o movimento das palavras não atinge” (M. Le Bot, 1984) (Orlandi, 2007, pág. 69).

Desta forma, quem exige o fim da separação das crianças de seus pais; não discursa sobre o lema “América para americanos”, uma das principais bandeiras de Donald Trump, enquanto candidato. Apenas exigem o fim da crueldade imposta às crianças. A reviravolta no caso, quando Trump decidiu revogar o decreto e reunir os meninos e meninas detidos às suas respectivas famílias; remete a outro tipo de

A para B	Imagem do lugar de A para o sujeito colocado em B	Quem sou eu para que ele me fale assim? Os aliados, opositores, familiares, mídia, órgãos internacionais, opinião pública e parte do eleitorado consciente do poder que têm cobram, por meio de discursos emotivos à reunião das famílias.
----------	---	--

Desta maneira, como na primeira análise do quadro 1, todos os discursos expostos no quadro 2 - a despeito de a relação de força entre os sujeitos ser menos desigual do observado no quadro 1- articulam formações discursivas e ideológicas semelhantes, baseando-se em sentidos patêmicos, também perpassados pelo silêncio classificado como Orlandi (2007) como constitutivo.

O que é alvo de discussão de opositores e do próprio Trump são as doxas, os valores, as crenças da sociedade estadunidense sobre os limites da punição às crianças, que não podem ser responsabilizadas pela decisão de seus pais e tutores de ultrapassar a fronteira de forma classificada como “ilegal” pela justiça deste país.

Trump admite ter sido “tocado pela repetição das cenas divulgadas pela mídia que mostraram as crianças chorando”. Ele também reconhece que todos “com coração”, agiriam da mesma forma (recuar), justificando, deste modo, sua decisão de reunir as famílias de imigrantes ilegais.

Ficam assim silenciados nos discursos articulados pelos sujeitos A (portavozes das crianças) e pelo interlocutor B, Trump. As explicações patêmicas silenciam “explicações” às causas da imigração. Ao explorarem economicamente, de forma predatória, os países subdesenvolvidos, contraditoriamente, os EUA, criam um problema para si: aumentam o número de pessoas que ultrapassam as fronteiras de forma ilegal em busca das promessas de felicidade associadas ao *american way of life*.

3 | AS CRIANÇAS ENJAULADAS E SUA RELAÇÃO COM DISCURSOS FUNDADORES GLOBALIZANTES

O caráter patêmico das manifestações contrárias à política de Trump se opondo à separação das crianças e de seus pais se articulam com doxas ligadas a discursos fundadores como a importância dos laços familiares na constituição de indivíduos capazes de respeitar normas e agir conforme os valores hegemônicos de uma dada sociedade.

Assim, segundo Calhau (2005, apud Portugal)¹², a falta de estrutura familiar

12. Portugal, Maria G. O papel da família em relação à criminalidade. **Jurídico Certo**. Publicação da Instituição Jurídico Certo. Publicado em 28/02/2018. Disponível em: <https://juridicocerto.com/p/advocacia-maria-por/artigos/o-papel-da-familia-em-relacao-a-criminalidade-4340#>

pode gerar adultos considerados problemáticos, com dificuldade de se relacionar socialmente, ou que desenvolvam patologias como o vício das drogas e do alcoolismo, muitas vezes associado à prática de delitos.

Dentro desse contexto, pode-se afirmar que existe uma relação íntima sobre a criminalidade e a base educacional oriunda da família. Assim, as transformações estruturais são notadas pelo acerto de ações iniciando com a publicação do movimento e culminando com o concretizar. Atualmente, na maioria dos índices de criminalidade analisados na sociedade pode-se observar a predominância de uma grande participação de jovens, em sua maioria de origem de famílias desestruturadas (Jurídico Certo, 2018).¹³

Segundo Kellner (2001), as narrativas veiculadas pela mídia estadunidense, constituída pela televisão, cinema, rádio, ou outras publicações a que os trabalhadores têm acesso em seu tempo de lazer servem como modelos de valores sociais instituindo o que deve ser considerado positivo ou negativo, moral ou imoral, sucesso ou a falta dele, e, assim por diante.

Deste modo, o cinema americano, assim como algumas séries de sucesso produzidas neste país ajudam a difundir doxas hegemônicas capitalistas, divulgando valores ou instituições como a família – que tem apelo religioso, não só por sua relação com os princípios cristãos de sagrada família¹⁴, mas também pelos rituais como o casamento e a relação de respeito e hierarquia que, supostamente, deve nortear as relações familiares.

Assim, por exemplo, na década de 1980, filmes como *Atração Fatal*¹⁵ constituiu-se como um com forte apelo moralista em defesa da instituição casamento monogâmico. Ainda conforme Kellner (2001), a antagonista, Alex (Glen Glose), seduz Dan Galanger (Michael Douglas) homem casado, integrante de uma família bem estruturada que passa a ser perseguido por esta mulher que se torna a vilã ao tentar destruir o casamento (instituição sagrada, base da família) de seu amado.

13. Tal discurso reverbera o conceito de Althusser (1980) que classifica a família como um “aparelho ideológico do Estado”, ou seja, uma instituição que padroniza gostos, valores, comportamentos adequados à ideologia hegemônica imposta pela elite.

14. O Papa João Paulo II teria classificado a família como “Santuário da vida”. Ainda segundo a visão deste papa, seria missão das famílias “guardar, revelar e comunicar ao mundo o amor e a vida. Também é ressaltado que Jesus de Nazaré teria escolhido para constituir sua Sagrada Família, um pai adotivo (José) e sua esposa, Maria, que o teria concebido virgem. Tal premissa é defendida no artigo escrito por Aquino, Felipe “A Sagrada Família hoje”, do site da emissora católica Canção Nova. Não há data de publicação. Visto em 04/06/2018. Disponível em : <https://formacao.cancaonova.com/familia/a-sagrada-familia-hoje/> Sentido semelhante é atribuído também por parte dos evangélicos que consideram a família de Jesus constituída por pessoas guiadas por Deus. Ver em : A Sagrada Família. Fuga para o Egito. Blog “Atualidades da OESI- Ordem dos Servos Intercessores”. Publicado em setembro de 2013. Visto em 04/06/2018. Disponível em: <http://ordemevangelica.blogspot.com/2013/12/a-sagrada-familia.html>.

15 Dirigido por Adrian Lyne, o filme lançado pela Paramount Pictures, em 1987, se tornou “queiridinho” do público em todo o mundo, tornando-se cult. Foi indicado a três Oscars: melhor diretor Adrian Lyne, melhor atriz, Glen Glose e melhor atriz coadjuvante, Anne Archer. Visto em 04/06/2018. Disponível em: <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-3106/>

O outro lado de Atração fatal é a moral da história para os homens, pois os adverte de que caso se desviassem da monogamia matrimonial – nem que por uma só vez, o resultado são as desgraças e a destruição daquilo que é apresentado como a coisa mais importante da vida [no caso a família, grifo meu] (Kellner, 2001, págs. 151-152).

Seguindo a mesma lógica, outras séries mais recentes, algumas dedicadas à adolescentes como *The Vampire Diaries*¹⁶, ou mesmo *Game of Thrones*¹⁷, também mantém uma representação da família, que por meio destas narrativas têm acesso a padronização de gostos, valores, crenças (doxas) que, segundo Kellner (2001), “fornece o material com que muitas pessoas constroem o senso de “classe”, de etnia e raça, de nacionalidade, de sexualidade, de “nós” e “eles”.

É interessante que as representações de núcleos familiares nas séries da TV estadunidense, sobretudo naquelas direcionadas ao público adolescente, como *The Originals*¹⁸ parecem ter sido reatualizadas. Questões como divórcio, ou as novas configurações familiares – alguns dos integrantes desta família e outros personagens importantes são homossexuais - também são representadas e defendidas como instituições base da sociedade estadunidense.

Na contemporaneidade observa-se várias composições familiares constituídas pelos laços da aliança. A consanguinidade deixou de ser condição necessária e obrigatória e cedeu espaço ao afeto em questões de laços e obrigações familiares. Assim, deixou-se de falar em família, mas em famílias, dada a existência de diversas configurações familiares. (...) A concepção da família nuclear constituída por pai, mãe e filhos a que estávamos habituados não existe mais como modelo único; a sociedade passou por inúmeras transformações e com ela o comportamento dos seus integrantes e da vida familiar. (Wirth, 2013, p.01).

Assim, a separação das famílias de imigrantes ilegais de suas crianças articulam interdiscursos que remetem ao que Orlandi (2003) denomina de “discursos fundadores”, ou narrativas discursivas que fazem parte dos imaginários que permeiam as diferentes imagens pelos quais uma nação se identifica ou se sente simbolicamente representada. Assim:

Nós acrescentaríamos: enunciados, como os dos discursos fundadores, aqueles que vão nos inventando, um passado inequívoco e empurrando um futuro pela frente e nos dão a sensação de estarmos dentro de uma história de um mundo

16. “*The Vampire Diaries*” é uma série baseada no triângulo amoroso entre dois irmãos Damon e Stefan Salvatore que disputam o amor da estudante Elena Gilbert, sem abrir mão da amizade que os une. Foi lançado em 2009, pela emissora CW e saiu do ar, em 2017, após oito temporadas. Foi exibido no Brasil pela MTV, SBT e está disponível na Netflix. Visto em 04/07/2018. Disponível em: [pt.wikipedia.org/wiki/The_Vampire_Diaries_\(série_de_televisão\)#Exibição](http://pt.wikipedia.org/wiki/The_Vampire_Diaries_(série_de_televisão)#Exibição)

17. Baseada na obra de George R.R. Martin “*A Song of Ice and Fire*” e produzida pela HBO, *Game of Thrones*, ou *Got* foi lançada em 2011. A nona e última temporada deve chegar ao público, por esta emissora a cabo, no ano que vem. Também mostra brigas internas familiares e entre os diferentes clãs pelo poder, ou seja, o trono dos sete reinos. Têm fãs em todo o mundo. Visto em 04/07/2018. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Game_of_Thrones

18. *Spin-off* (série originada de outra, no caso, *The Vampire Diaries*, produzido pela emissora CW). Está em sua quinta e última temporada. Conta a história dos vampiros originais, a família Mikaelson, que vivem em New Orleans. Eles enfrentam perigosos inimigos, e, apesar das brigas familiares tem como mote “Always and Forever” mantra que sela o pacto de união eterna entre os irmãos e a defesa da família. Uma das personagens, Freya é lésbica e se relaciona com Keeling. Na série *Hope* é filha de Niklaus Mikaelson e Hayley Marshall que se torna amante, por vários episódios, do tio de sua filha, Elijah, situação aceita de forma natural. A série foi exibida até à terceira temporada pela MTV brasileira.

conhecido: diga ao povo que eu fico, quem for brasileiro, siga-me, *libertas que sera tamem*, independência ou morte, em se plantando tudo dá. (Orlandi, 2003, pág. 12).

Desta maneira, as imagens das crianças enjauladas, gritando por seus pais remeteram ainda a outros interdiscursos que remetem à discursos fundadores internacionais do século XX, como os horrores impostos aos povos europeus vitimados pelo nazismo.

Ao jogarem a bomba atômica no Japão, encerrando assim a Segunda Grande Guerra Mundial; os Estados Unidos não só se tornaram os “grandes vitoriosos” de um dos maiores conflitos internacionais até o presente momento; mas se consolidaram como uma das maiores potências econômica e política, dando início a um outro tipo de confronto: a Guerra Fria que dividiu o mundo em dois blocos: o capitalista (por eles liderados) e o comunista (liderados pela URSS).

Como uma das principais nações responsáveis pelo fim do terror nazista; os estadunidenses não parecem se sentir “confortáveis”, em reproduzir, por meio da política de tolerância zero contra a imigração ilegal, representações de si que re-signifiquem de alguma forma, imagens associadas, interdiscursivamente, com os horrores que remetem “ao legado” de Hitler e Mussolini: a morte de mais de 6 milhões de seres humanos.

Assim, neste deslizamento de sentidos, as imagens das crianças enjauladas também se relacionam, ou re-significam às imagens dos filhos de judeus; de testemunhas de Jeová, de ciganos, adolescentes homossexuais, ou portadores de necessidades especiais enviados aos campos de concentração, e, separados de seus familiares para morrer.

A memória discursiva de tais comparações, no entanto, circulou nas mídias sociais, como o *Facebook*, por meio de postagens anônimas, associando discursos de Trump aos de Hitler como demonstrado abaixo¹⁹:



Figura 1- Como Hitler fez com os judeus, Trump defende que imigrantes ilegais não são humanos

Desta forma, se para Hitler, pessoas de origem judia não poderiam ser

19. A tradução da imagem é a seguinte: judeus não são pessoas, eles são animais, Adolf Hitler. Imigrantes sem documentos (ou ilegais) não são pessoas, eles são animais. A segunda frase é atribuída a Trump em artigo HYPE-NESS/da redação. Para Donald Trump, imigrantes ilegais não são “pessoas” e “sim animais”.

consideradas “humanas”, e sim classificadas como “animais”; para Trump²⁰ e parte de seus eleitores, há pessoas (sobretudo os africanos, latinos, pessoas cuja religião ou ideologia possam ser consideradas ameaças à sociedade estadunidense) que, supostamente, também não seriam “humanas”.

Como não humanos, tais homens, mulheres e crianças não estariam assim, aptos a conseguirem os documentos exigidos para o visto necessário à imigração “legal”. Por outro lado, o silêncio de políticos, da mídia, dos representantes de entidades como a ONU, da Anistia Internacional, dos presidentes de países como o Brasil - que teve cerca de 50 crianças separadas de seus pais neste processo – também está impregnado de discursos perpassados por silêncios.

No mesmo dia em que seu marido revogou o decreto que ordenava a separação das famílias de imigrantes ilegais, Melania Trump, em viagem ao Texas, para visitar as crianças separadas de seus pais nos abrigos ali localizados, vestiu um casaco²¹ com os seguintes dizeres “*I really don’t care. Do u?*”²²

No dia 30/06/2018²³ mais de 700 manifestações, em todos os estados do USA, reuniram milhares de pessoas e ongs de ativistas contrários à separação das famílias de imigrantes ilegais. Novamente, as estratégias discursivas, mesmo reverberando discursos fundadores estadunidenses, foram perpassadas por doxas de defesa da família e contrárias à possibilidade de associações interdiscursivas implícitas à práticas cruéis do nazismo.

Dois dos participantes destas manifestações, identificados como Megan e Joshua defenderam as famílias dos imigrantes ilegais. A primeira entrevistada disse que ser mãe e que teve “seu coração partido ao ver filhos separados de suas mães”. “Não posso acreditar que nós tratamos seres humanos assim.” Já Joshua, classificou como “vergonhoso que isso esteja sendo feito em nome dos Estados Unidos”.

Desta forma, mesmo a articulação interdiscursiva com discursos fundadores e com as imagens de como a sociedade estadunidense se percebe, também é constituída por discursos patêmicos, perpassados por silêncios constitutivos, que em seus ditos, não dizem, ou silenciam, questionamentos sobre o caráter epistemológico das normas jurídicas que constituem as leis anti-imigração adotadas pelo país.

4 | DISCURSOS DE DESIGUALDADE QUE EVIDENCIAM OS DISCURSOS DE

20. **Da Redação/ HYPNESS.** Para Donald Trump imigrantes ilegais “não são pessoas” e sim “animais”. Publicado em maio de 2018. Disponível em: <https://www.hypeness.com.br/2018/05/para-donald-trump-imigrantes-ilegais-nao-sao-pessoas-e-sim-animais/>. Acesso em 24 de junho de 2018.

21. **G1.** Melania Trump usa casaco com frase “Eu realmente não me importo” ao viajar para visitar crianças na fronteira. Publicado em 21/06/2018. Visto em 26/06/2018. Disponível em <https://g1.globo.com/mundo/noticia/melania-trump-usa-casaco-com-frase-eu-realmente-nao-me-importo-para-visitar-criancas-na-fronteira.ghtml>.

22. Embora tenha atribuído à associação da escolha do casaco usado nesta visita à *fake news*; o episódio fez com que algumas marcas produzissem casacos semelhantes com o seguinte dizer “*I really care, don’t u?*”. **Elle.** Dreher, Raquel. Marcas criam respostas à jaqueta de Melania Trump. Publicado em 04/07/2018. Visto em 04/07/2018. Disponível em: <https://elle.abril.com.br/moda/resposta-a-jaqueta-melania-trump-visita-criancas-detidas/>

23. **G1-** Manifestantes protestam nos Estados Unidos contra política de imigração de Trump. Jornal Nacional. Edição do dia 30/06/2018. Publicado dia 30/06/2018. Visto em 03/06/2018.

SILÊNCIOS DE *LOSERS E WINNERS*

É comum ver em filmes e programas estadunidenses às expressões winners (vencedores, quem se sobressai, é popular, ou ascende socialmente)” e losers (desajustados, pessoas que não se adequam aos padrões de sucesso desta sociedade). Enquanto parte dos nascidos nos EUA expôs seu repúdio moral à política de tolerância zero à imigração; os presidentes da maioria dos países de origem dos imigrantes ilegais separados de suas crianças não se manifestaram publicamente sobre a violência imputada a seus cidadãos.

A linguagem como uma prática social institui novos sentidos ao se mudar os sujeitos do discurso e as formações ideológicas a que eles se filiam. Desta forma, do lado dos losers, ou dos líderes destes países entre eles Brasil, Guatemala e Costa Rica, conscientes do que estava acontecendo, limitaram-se a acompanhar, por meio de consulados de seus países nos Estados Unidos, a situação dos detidos, sem interferir diretamente a favor dos cidadãos detidos.

Determinado pelo caráter fundador do silêncio, o silêncio constitutivo pertence à própria ordem de sentido e preside qualquer produção de linguagem. Representa a política do silêncio com um efeito de discurso que instala o anti-implícito. Se diz “X” para não se dizer “Y”, este sendo o sentido a se descartar do dito. É o não dito que se quer evitar...(Orlandi, 2007, págs 73-74).

Frágeis econômica, política e socialmente, adotaram o discurso dos “losers”, sujeitos não capazes de denunciarem a violência ou de adotarem critérios similares para a imigração de cidadãos estadunidenses em suas fronteiras. Assim, em seu silêncio, classificado por Orlandi (2007), como silêncio local, ou “manifestação da censura”, parecem reconhecer as normas que delineiam a política de imigração e o direito de punir quem desrespeita tais regras.

Por outro lado, tal silêncio pode ser visto como uma estratégia de resistência, evitando assim, provocar a ira dos USA e seu beligerante presidente. Assim: “O silêncio, mediando às relações entre linguagem, mundo e pensamento, resiste à pressão de controle exercida pela urgência da linguagem e significa de outras e muitas maneiras.” (Orlandi, 2007, p. 37).

5 | ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE AS REAÇÕES AOS DISCURSOS DE TOLERÂNCIA ZERO À IMIGRAÇÃO

Assim como a imagem de um Donald Trump enorme frente a uma criança pequena e assustada, que ilustrou a capa da revista Time²⁴; os presidentes dos países que tiveram “imigrantes ilegais” separados de seus filhos, mostram-se, em seu silêncio constitutivo/local, tão frágeis quanto a menininha hondurenha, de dois anos,

24. Da Redação/São Paulo. Revista Time faz capa com Trump encarando criança imigrante. **Folha de São Paulo**. Publicado em 21/06/2018. Visto em 04/07/2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2018/06/revista-time-faz-capacom-trump-encarando-crianca-imigrante.shtml>

intimidada pela imagem do presidente estadunidense nesta já citada edição²⁵.

Sem ter coragem de protestarem contra o tratamento desumano imputado aos seus cidadãos, os presidentes dos países de origem dos “imigrantes ilegais” parecem reforçar a tese dos Estados Unidos - que se apoderou do adjetivo gentílico “América”, de que somente eles são “americanos”; silenciando desta forma, o fato de que “los cucarachas” são tão americanos quanto eles.

A premissa de que “todos somos iguais, mas uns são mais iguais que outros”, de Orwell (1945)²⁶ continua em vigor. Assim, no jogo de formações imaginárias, as crianças e os imigrantes ilegais são representados como “ninguêns”, sujeitos do não-(poder) dizer.

Aos “*losers*”, é dado o tratamento oferecido aos “*bad gays*”: prisões, torturas físicas e psicológicas, humilhações diversas. Nesta relação de forças, em que os “imigrantes ilegais”, supostamente “não são humanos o suficiente” para cruzar as fronteiras dos USA, o *american way of life* nada mais é que uma versão piorada do “canto das sereias”.

Seu poder de sedução ilude os incautos navegantes e exploradores, convencendo-os a “abandonarem seus barcos” fazendo-os, assim, se afogar nas profundezas do mar capitalista, da livre concorrência e da meritocracia, em que os *losers* não são pessoas, mas aberrações de um bizarro circo de horrores.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, L. **Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado**. 3 ed. Lisboa: Editorial Presença/Martins Fontes, 1998.

GADET, François, HAK, Tony (Orgs). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Tradução Berthania S. Mariani... [et.al] – 5ª ed- Campinas, SP. Editora da Unicamp. 2014.

KELLNER, Douglas. **A Cultura das Mídias. Estudos culturais**: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Tradução Ivone Castilho Benedetti. Bauru. SP. EDUC, 2001.

ORLANDI, ENI. (ORG). **O Discurso Fundador**. A formação do país e a construção da identidade nacional. Belo Horizonte. Pontes. 3ª ed. 2003.

_____ **As formas do silêncio**. Campinas. Editora da Unicamp, 2007.

25. Mundo/Folha de São Paulo. Em conversa telefônica de meia hora, Trump e AMLO falam de imigração e comércio. Folha de São Paulo. Disponível: Da Redação/São Paulo. Revista Time faz capa com Trump encarando criança imigrante. Folha de São Paulo. Publicado em 21/06/2018. Visto em 04/07/2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2018/06/revista-time-faz-capa-com-trump-encarando-crianca-imigrante.shtml> Publicado em 02/07/2018. Visto em 04/07/2018. Ligado à esquerda, o presidente mexicano eleito no último dia 01/07/2018 foi uma exceção entre as lideranças dos países de origem dos imigrantes ilegais. Ele disse ter proposto a Trump um acordo comercial abrangente que possa gerar empregos e diminuir a imigração mexicana. Tal proposta vai contra a ideia do presidente estadunidense de exigir que o México construa um muro para impedir a entrada de seus cidadãos de forma ilegal nos EUA.

26. Orwell, George. **A revolução dos bichos**: um conto de fadas/ tradução Heitor Aquino Ferreira; posfácio Christopher Hitchens – São Paulo: Companhia das Letras.2007.

ORWELL, George. **A revolução dos bichos**: um conto de fadas/ tradução Heitor Aquino Ferreira; posfácio Cristopher Hitchens – São Paulo: Companhia das Letras. 2007.

Jornal O TEMPO/RIO EL PASO. Avó brasileira está separada do neto autista há dez meses. **Jornal O TEMPO**. Número 7859. Ano 22. Pág. 19/06/2018.

Jornal O TEMPO/WASHINGTON. Quatro Estados desafiam Trump. **Jornal O TEMPO**. Número 7860. Ano 22. Pág. 15. Publicado em 20/06/2018.

Jornal O TEMPO/WASHINGTON. Trump recua e suspende a separação de crianças. **Jornal O TEMPO**. Número 7861. Ano 22. Pág. 16. Publicado em 21/06/2018.

Aquino, Felipe “A Sagrada Família hoje”, do site da emissora católica **Canção Nova**. Não há data de publicação. Visto em 04/06/2018. Disponível em: <https://formacao.cancaonova.com/familia/a-sagrada-familia-hoje/>

Brooks, Dario. BBC Mundo. *5 questões para entender como é o processo de deportação de imigrantes ilegais nos Estados Unidos*. Atualizado em 22 de fevereiro de 2017. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-39049799>

Da Redação/ HYPNESS. *Para Donald Trump imigrantes ilegais “não são pessoas” e sim “animais”*. Publicado em maio de 2018. Disponível em: <https://www.hypeness.com.br/2018/05/para-donald-trump-imigrantes-ilegais-nao-sao-pessoas-e-sim-animais/>. Acesso em 24 de junho de 2018.

Da Redação/ HYPNESS. *Para Donald Trump imigrantes ilegais “não são pessoas” e sim “animais”*. Publicado em maio de 2018. Disponível em: <https://www.hypeness.com.br/2018/05/para-donald-trump-imigrantes-ilegais-nao-sao-pessoas-e-sim-animais/>. Acesso em 24 de junho de 2018.

Elle. Drehmer, Raquel. Marcas criam respostas à jaqueta de Melania Trump. Publicado em: 04/07/2018. Visto em: 04/07/2018. Disponível em: <https://elle.abril.com.br/moda/resposta-a-jaqueta-melania-trump-visita-criancas-detidas/>.

Da Redação Folha de São Paulo/São Paulo. Revista Time faz capa com Trump encarando criança imigrante. **Folha de São Paulo**. Publicado em 21/06/2018. Visto em 04/07/2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2018/06/revista-time-faz-capa-com-trump-encarando-crianca-imigrante.shtml>

G1. Melania Trump usa casaco com frase “Eu realmente não me importo” ao viajar para visitar crianças na fronteira. Publicado em 21/06/2018. Visto em 26/06/2018.

G1- Manifestantes protestam nos Estados Unidos contra política de imigração de Trump. **Jornal Nacional**. Edição do dia 30/06/2018. Publicado dia 30/06/2018. Visto em 03/06/2018. Disponível em <https://g1.globo.com/mundo/noticia/melania-trump-usa-casaco-com-frase-eu-realmente-nao-me-importo-para-visitar-criancas-na-fronteira.ghtml>.

Jurídico Certo Portugal, Maria G. O papel da família em relação à criminalidade. **Jurídico Certo**. Publicação da Instituição Jurídico Certo. Publicado em 28/02/2018. Disponível em: <https://juridicocerto.com/p/advocacia-maria-por/artigos/o-papel-da-familia-em-relacao-a-criminalidade-4340#>

Mundo/Folha de São Paulo. Em conversa telefônica de meia hora, Trump e AMLO falam de imigração e comércio. **Folha de São Paulo**. Disponível: Da Redação/São Paulo. Revista Time faz capa com Trump encarando criança imigrante. **Folha de São Paulo**. Publicado em 21/06/2018. Visto em 04/07/2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2018/06/revista-time-faz-capa-com-trump-encarando-crianca-imigrante.shtm>. Publicado em 02/07/2018. Visto em 04/07/2018.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-204-3

